

20 / 08 / 80

Rua da Capital recebe o nome de Vinícius de Moraes

O prefeito Reinaldo de Barros deu, ontem, o nome do poeta e compositor Vinícius de Moraes ao logradouro conhecido por "acesso à avenida Paulista", situado entre a rua da Consolação, a avenida Paulista e o início do viaduto de ligação com a avenida Dr. Arnaldo.

Também o jornalista Walfredo de Grammont, que atuava nas TVs Bandeirantes e Globo, foi homenageado pelo prefeito, tendo seu nome dado à antiga rua "C", situada entre a avenida Condessa Elizabeth de Robiano e a rua Rubens Porta Nova, na Barra Funda.

Foram ainda denominados os seguintes logradouros: Bernardina Gonçalves Hahne à atual passagem "B", entre a avenida dos Três Poderes e a rua Professora Elizabeth Rolim, no Butantã; rua Carlos Fachina à rua conhecida por "Washington", entre a aveni-

da Santo Afonso; rua Ferruccio Sandoli à rua chamada "Ibitinga" entre a via conhecida como São João da Boa Vista e a rua conhecida por "Washington"; Delfino Fachina (ex-presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras) terá seu nome cedido ao logradouro formado pelas ruas conhecidas por "França" e "Portugal", que começa na avenida Cupecê e termina na divisa de Terreno; avenida Carlos Orehuber à antiga estrada do "Paraventi", entre as ruas José Bocchiglieri e a divisa da zona rural do Município, em Campo Limpo; rua Laet de Toledo César à atual rua "20", entre a rua Deocleciano de Oliveira Filho e o espaço livre onde termina, na Capela do Socorro.

No mesmo decreto, o prefeito deu nome a mais 24 ruas, localizadas na Capela do Socorro, Itaquera, Butantã, Santo Amaro, Ibirapuera, Tucuruvi, Vila Guilherme e Nossa Senhora do O.

21 / 08 / 80

Homenagem ao poetinha

No jantar da **Bella Roma Leme Merye** e **Haroldo Costa** falavam do show no teatro **João Caetano**, em homenagem a **Vinicius de Moraes**, no dia 20 de outubro, quando o poetinha estaria completando 67 anos. O show, que contará com nomes como **Tom Jobim**, **Edu Lobo**, **Clara Nunes**, **Alaide Costa**, **Quarteto em Si**, **Tamba Trio**, **Carlos Lyra**, **Badem Powell**, **Luiz Bonfá**, **Maria Creuza**, **Francis Hime**, **Toquinho**, **Elizeth Cardoso** entre outros, terá a renda revertida para a **Casa dos Artistas**.

Haroldo falou ainda de suas pretensões no **Golden Room** do **Copacabana Palace**, que giram em torno de uma adaptação da obra de **Tom Jobim** em canto e dança.

COLONISTA

Ivan Monteiro

LIVROS

CARLOS MENEZES

Em 'A greve da rosa' a consciência e o comportamento do operariado

Em *A greve da rosa* (Ed. Alfa-Omega, 176 páginas, Cr\$ 285), seu terceiro romance, Renato Pompeu, sobre o pano de fundo de um aparente drama popular, desenvolve uma reflexão sobre os limites que condicionam a consciência e o comportamento do operário brasileiro dos nossos dias.

Paulista de Campinas (1941), Renato Pompeu se estreou em 1976, com o romance *Quatro olhos*, cujo primeiro capítulo foi escrito, num só dia, em 1968. O trabalho só viria a ser retomado em 1975, depois que o escritor se submeteu a um tratamento psiquiátrico, em regime de semi-internato, pelo que o romance registra as experiências do ficcionista nesse transe de sua vida particular. Em 1978, saiu seu segundo romance: *A saída do primeiro tempo*, cujo título inicial foi *O espectro da Ponte Preta*, no qual recria sua cidade natal e seu famoso time de futebol. Nesse mesmo ano de 1978, o Círculo do Livro de São Paulo editou, num só volume, os dois romances.

Através de uma linguagem simples, mas altamente elaborada (elogiada por críticos como Hélio Pólvora, Ignácio de Loyola Brandão e Rachel Jardim), cheia de humor e ironia, mas ao mesmo tempo entremeada de seqüências de grande densidade poética, Renato Pompeu procura retratar sua concepção acerca da realidade social e política da classe operária brasileira, através da ação de personagens marcantes como Maria Rosa, Albado, um veterano sindicalista, Tião, Dois-Dedos ou Pé-de-Roda e Falange-Falanginha-Falangeta.

Filho e irmão de jornalistas, Renato Pompeu dedica-se ao jornalismo, em São Paulo, desde 1961, sempre como redator e nunca como repórter, peculiaridade que ele atribui à sua personalidade introvertida.

— Como jornalista, diz ele, trabalho com coisas fora de mim, e procuro ser claro; como escritor, lido com coisas que estão dentro de mim, e procuro ser artista. *A greve da rosa* começou a ser escrito em 1978, sob o título provisório de *Teoria da rosa*.

● Para a estante de Poesia: *esconderijos do tempo*, de Mário Quintana, L & PM, 128 páginas, Cr\$ 180. O poeta gaúcho, ganhador, este ano, do Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, do alto dos seus 74 anos, percorre as cidades pequenas, bares, fantasmas, mistérios da vida, poemas de Rimbaud, crônicas marcianas de Bradbury, busca na lembrança tempos que se perderam e com o poder de seu lirismo vai fazendo poesia da mais pura e atual. ● *Guriatã — Um cordel para menino* de Marcus Accioly, primeiro lugar no Prêmio Fernando Chinaglia 1979 lançamento da Ed. Brasil-América. ● *A arca de Noé*, poemas infantis de Vinícius de Moraes, Ed. José Olympio, em quinta edição. ● *Vão cego*, de Paulo Ciza, Ed. Beija-Flor, de Curitiba.

● A história da aviação comercial e de seus pioneiros, desde o tempo dos pequenos e precários aparelhos a hélice até os poderosos e gigantescos jatos de hoje em dia é contada, de forma romaneada, em *Asas* (Wings, tradução de Francisco de Assis Gonçalves, 430 páginas, Cr\$ 690), de Robert J. Serling, de quem o leitor brasileiro já conhece *Só o piloto não morreu*.

● Para a estante dos jovens e da garotada: *A serra dos dois meninos*, de Aristides Fraga Lima, 112 páginas, Cr\$ 60, na Série Vaga-Lume da *Ática*. As aventuras de dois meninos, perdidos no mato e suas dificuldades para sobreviverem à fome e aos perigos da selva. ● Na Série Lagarta Pintada a *Ática* lança para crianças: *Os pregadores do Rei João*, texto e ilustrações de Luis Camargo, 32 páginas, Cr\$ 70, e *O passarinho vermelho*, texto de Milton Camargo e ilustrações de Rodrigo Frank, 24 páginas, Cr\$ 60.

● *O alto da colina*, mais recente romance de Irwin Shaw, que a Record está lançando (tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi, 270 páginas, Cr\$ 450) surgiu da idéia que originalmente ele desenvolveu para uma mini-série pedida pela Paramount. É a história da luta de um jovem inteligente e sensível para se liberar do peso de uma educação distorcida (órfão de pai aos 5 anos, gordo e desajeitado, foi criado por uma supermãe) e da atmosfera sufocante de uma grande cidade. Seu método de combate é desafiar a morte no automóvel, no avião e no "surf". Irwin Shaw é autor largamente conhecido do leitor brasileiro, através de romances seus como *Deuses vencidos*, *Duas semanas em Roma*, *Noite em Bizâncio*, *Plantão da noite*, *O pobre homem rico*, *Vida que segue*.

OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

FICÇÃO

- 1 — *A segunda dama*, Irving Wallace, Nova Fronteira (2) e Princesa Margarita, Judith Krantz, Record (6)
- 2 — *Alice do 5º diedro*, Laurita Mourão, Nórdica (1)
- 3 — *A montanha mágica*, Thomas Mann, Nova Fronteira (2); *A extravagância do morto*, Agatha Christie, Nova Fronteira (2); e *Sobre heróis e tumbas*, de Ernesto Sabato, Francisco Alves (1).
- 4 — *Os ambiciosos*, Harold Robbins, Record (13) e *O Círculo Matarese*, Robert Ludlum, Nova Fronteira (10).
- 5 — *Uma mulher dedicada*, Helen van Slyke, Record (1)

NÃO FICÇÃO

- 1 — *O crepúsculo do mico*, Fernando Gabeira, Codecri (3)
- 2 — *Relatório Hite*, Shere Hite, Difel (10)
- 3 — *Henfil na China*, Henfil, Codecri (1)
- 4 — *Prazeres do sexo*, Alex Comfort, Martins Fontes (24); *A era da incerteza*, John K. Galbraith, Pioneira (29); e *Os carbonários*, Alfredo Syrkis, Global (1);
- 5 — *Mais prazeres do sexo*, Alex Comfort, Martins Fontes (7) e *A nova Mulher*, Marina Colasanti, Nórdica (5)

● Os dados para esta pesquisa foram colhidos nas livrarias Eldorado/Nórdica (Copacabana); Unilivros (Ipanema, Leblon e Muda); Entrelivros (Ipanema, Copacabana (3) e Botafogo); Eu e Você (Copacabana); Globarte (Copacabana); Taurus (Leblon); Record (Copacabana); Pasquim (Leblon); Francisco Alves (Leblon). Entre parêntesis, o número de semanas que o livro figura na lista.

● Um noviço e seu guia espiritual atendem a um pedido de socorro de um velho eremita, guardião de segredos há milhares de anos em poder dos sábios tibetanos. Escalam uma montanha e lá participam de fantástica aventura, diante de máquinas que desvendam o passado, o presente e o

futuro. Este o tema de *O sábio do Tibete*, de Lobsang Rampa, famoso internacionalmente pela sua obra de divulgação da filosofia oriental, e de quem a Record já editou no Brasil mais de 20 livros. Tradução de Francisco Manoel da Rocha Filho, 210 páginas, Cr\$ 250.

PRETO NO BRANCO

Há pouco estava procurando umas fotografias da Darlene Glória. Fomos amigos. Um dia ela foi raptada por Cristo e se fez em asas. Convivíamos bem com os nossos demônios. Darlene Glória ou Leila Diniz? As duas mergulhavam fundo e não distinguíam uma sardinha de um tubarão. Nunca nasceram para serem um cais. Tinham pele de tempestades. E quando eram feridas por uma ternura repentina se aninhavam em pássaros. Passarinhavam não com unhas de um canário, mas com garras de gavião. Elas não se adaptavam ao lugar em que viviam e não riam dos seus problemas; encontravam soluções, vivendo suas vidas, em plantão integral (com lucidez adulta). Beltrano, diretor de uma das nossas revistas mensais sabia que tenho muitas fotografias inéditas da Darlene e me fez uma proposta para publicá-las, com um texto lírico: "Põe tua poesia nas fotografias". Engraçado, há pouco, ao rasgá-las, senti uma tristeza quieta. Darlene era um sol em chamas: sem sombras. A primeira vez que a conheci foi num estúdio de gravação. O video-tape ainda usava fraldas e tínhamos que ensaiar à tarde, e à noite, o programa ia ao vivo mesmo, na base de algumas doses de uísque. A memória não cicatrizou o nome do programa. E Darlene esparramando saúde no centro do estúdio. Parecia uma plantação de milho em época de colheita. Não conhecia ninguém. Nós também não a conhecíamos. Diversas vezes passei perto da mesa onde felinamente ela lambia com suas garras a atmosfera do ensaio. Houve um instante em que a memória de uma famosa atriz, jumentou. E ela saiu do estúdio poluindo com suas plumas interiores, minha paciência. A turma pediu tempo e foram todos matar suas sedes no barzinho da esquina. Fiquei sozinho e me pus a reparar, a moça loira, em sua quietude:

- Vem cá menina.
- Vem cá tu.
- Vou até a metade do caminho.
- É uma proposta razoável.

La na metade da fronteira estabelecida, nos encontramos:

- Quem estás procurando?
- Um idiota.
- E quem é esse idiota? O seu nome?
- É o diretor deste programa. O que fazes aqui?

- Quem te mandou procurá-lo?
- Tens alma de um policial, pô.
- Ok...
- Ok, o quê?
- Pô...

— Foi o Vento (Walter Clark). Ele acha que sou maluca. E disse que nós dois íamos nos dar bem.

- E és maluca?

— Não. Os homens acham que as mulheres que pensam e vivem suas vidas, são putas ou malucas.

- O que você achou do Vento?

— Ele não sabe amar uma mulher. Nem vai aprender.

— Talvez estejas enganada. O Walter é muito amado.

- É. Mas não sabe amar. Mas quem é você?

- Um idiota.

- Além de um idiota?

- Um diretor.

- E daí?

- Meu nome é Carlos Alberto.

— Mas então você é o idiota que estou procurando?

- E como é o teu nome?

- Darlene Glória.

Naquela mesma noite ela estreou na televisão. Tinha achado a atriz muito sem importância e perguntada se poderia substituí-la, me respondeu:

- Não.
- E por quê?
- O texto é ruim. De quem é?
- Do Sérgio Porto e de um diota.
- O texto é do idiota. Claro.
- Não. Do Sérgio.

— E o idiota pode melhorar o texto? Todas as piadas são contra as mulheres. A mulher, aqui no Brasil, está precisando de um Pedro Álvares Cabral.

- Pero Vaz já tem muitos...

— Engano teu. Poucos, o Vinicius, Antônio Maria, Poucos.

- O que estás desenhando?

- Não gosto que olhem os meus desenhos.

Darlene desenhava fetos de Cristos. Cristos miseráveis, flagelados, todos com expressões nordestinas. Durante os anos em que fomos amigos, desenhou e pintou centenas de Cristos esfarrapados. Ganhei alguns deles. Dois me foram roubados carinhosamente. Um pelo Dom Hélder. Outro, pelo Carlos Lacerda. Os restantes foram assassinados por uma mulher ciumenta.

Nunca mais vi a Darlene Glória, depois que ela foi raptada por Cristo. Pelo Ministério do Trabalho já podia me aposentar dos meus pecados. Mas não conseguiria viver sem eles.

Darlene, nem Maria, nem Madalena.

Somente, Darlene.

Todos nós fomos cobaias para a sua ressurreição.

Carlos

Alberto Loffler

22/8/80

"O Beijo dos Neurônios", de Ebrahim Ramadan



A miséria e a falência da poesia brasileira nos últimos 20 anos, em termos de novos valores, levou o jornalista, professor e poeta Ebrahim Ramadan a lançar um livro de poemas sob o título "O Beijo dos Neurônios".

A idéia — afirma ele — surgiu a partir da morte de Vinicius de Moraes, quando Ebrahim Ramadan observou que a poesia estava perdendo seus valores mais sérios e tendo seu espaço ocupado por falsos intelectuais em busca de promoção.

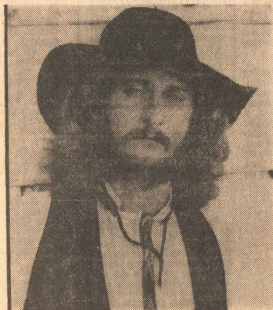
ORIGENS

Ebrahim disse ainda que o livro deverá ser lançado nos próximos 60 dias, abordando principalmente o relacionamento emocional homem-mulher, que se perderam das suas origens e não conseguiram admitir, superar e responder às perguntas que nas últimas décadas os esmagam nas torturas sociais.

O D I A
22 / 8 / 80

Música Popular

Mais sotaque e menos talento



Bubuska

O SOTAQUE nordestino do rádio brasileiro é tema já discutido e que reflete a flagrante aproximação das formas musicais oriundas do Nordeste dos meios eletrônicos e tecnológicos capazes de viabilizá-las mercadologicamente. Este sotaque continua estendendo suas influências às áreas mais diversas da produção e execução de música no Brasil.

Praticamente todas as gravadoras têm manifestado interesse em sacudir a sua base junto a este filão, mas não se pode omitir a primazia da CBS, que tem ido com mais sede à fonte, não hesitando sequer em editar um elepê de Petrócio Maia, apenas sofrível, onde o compositor ligado ao grupo cearense aparece cantando sem brilho especial uma mescla de músicas inéditas com algumas outras, já conhecidas através de outros intérpretes em gravações não raro superiores. Petrócio é autor de um bolero magnífico sobre Dorothy Lamour — e isso quase inocentão da ingenuidade com que se atirou a este projeto do álbum-solo.

Zé Geraldo, também da CBS, ano passado realizou seu primeiro elepê, mas a surpresa não impediu que su o relacionamento entre os melhores de 1979. Neste sentido, é decepcionante o lançamento de Estradas, segundo álbum do autor de Terceiro Mundo. Além de não trazer qualquer originalidade estrutural ou harmônica, Estradas abriga um conjunto de músicas que, lote a lote, são inferiores às inseridas no elepê de estreia.

A RCA cravou um palpite triplo e, independente do disco de Luiz Gonzaga, recém-lançado, armou o seu meio de campo com Sócrates e Guadalupe. O jogador do Corinthians reuniu clássicos da música caipira, mas não adentrou os estúdios de gravação com a mesma habilidade visível nos campos de futebol. Maneja melhor o calcanhar que o microfone. Guadalupe, a bela mulher de Dominginhos, não ficou muito presa aos extremos do que vem do Norte. Abriu alas para Tom Jobim (sensacional a inédita Oficina), Ivan Lins (As Moças), Toquinho e Vinícius (Velha Amiga) e Sueli Costa (Dentes de Satiá).

Na Polygram, o trunfo chama-se Bubuska, vencedor da melhor letra do Festival da Tupi, com Tô Querendo Tô, participante do MPB-80 com Um Deus Vagabundo. Com 27 anos, recifense, o estilo de Bubuska ainda se divide muito entre seu conterrâneo Alceu Valença e o cearense Fagner. Entre todos, a raiz da identidade é esta estranha simbiose formada pelo rock, que povoa os anos da formação da geração de Bubuska e da que lhe é imediatamente anterior, e pelas manifestações herdadas à tradição oral e que compõem o acervo cultural do Nordeste. Desta conjugação de esforços têm surgido alguns dos melhores momentos da MPB nos últimos anos. O elepê de Bubuska, infelizmente, não está entre eles.

Roberto Moura

Vinícius

Folclore

Praça XV tem cordel às sextas e sábados

Em comemoração ao Dia Nacional do Folclore, foi inaugurada ontem, na Praça XV, pelo presidente da Fundação Rio, Rubens Fonseca, a Feira do Cordel. Esta manifestação folclórica vai reunir todas as sextas-feiras e sábados, das 8 às 19 horas, 17 poetas de cordel, 26 cantadores e repentistas e quatro xilogravadores.

A carestia, a visita do Papa e a história de Lampião eram alguns dos principais temas dos livros de cordel, vendidos a Cr\$ 10,00 (capa simples) e Cr\$ 25,00 (capa colorida). Os cordelistas confeccionaram uma viola em couro, em forma de coração, contendo versos de Raimundo Santa Helena em agradecimento ao Prefeito Júlio Coutinho, que lhe será entregue por Rubens Fonseca. Dizem os versos: "O poeta de cordel/ hoje sabe onde mora/ Era um camelô ao léu/ Hoje canta, não mais chora/ Pois surgiu nosso padrinho/ Prefeito Júlio Coutinho/ Nos entrega a praça agora/ Neste momento histórico/ Folclore-Divisão.../No etéreo do eufórico/ Apaerj, Fundação./ Rio, Feirarte, Prefeito/ Do poeta eu rasgo o peito/ Eis o nosso coração!"

O diretor da Cooperativa de Cordel do Rio de Janeiro (Coordel), Raimundo Santa Helena, explicou que a importância da feira se deve ao fato de que, considerado há mais de 50 anos, um marginal, tratado como camelô e tendo sua mercadoria apreendida, o cordelista, agora, conta com essa oportunidade. Em 16 de março, durante o I Congresso Nacional de Poetas de Literatura de Cordel, foi aprovada a carta de princípios que dizia, entre outras coisas, que "o País onde o poeta não canta nas praças é um

país doente". A partir daí, a Prefeitura do Rio se sensibilizou e forneceu a autorização para o funcionamento da Feira.

Raimundo Santa Helena, ao entregar a Rubens Fonseca o presente, explicou a sua simbologia: no cabo da viola, aparece a figura de um livro, pois o poeta escreve; a viola em si, mostra que o poeta canta e o formato de coração mostra que o poeta ama. Finalmente, o couro é o símbolo da resistência, mostrando que "o poeta é um eterno sofredor". Rubens Fonseca distribuiu as credenciais a todos os cordelistas presentes e José Praxedes, o poeta vaqueiro, com traços característicos, cantou.

Um dos livros de cordel mais procurados foi "Os Clamores da Carestia", de Expedito F. Silva, embaixador da Ordem Brasileira de Cordelistas, que começou a fazer poesia aos 12 anos, em Belo Jardim, Pernambuco.

Títulos curiosos também atraíram a atenção: "Brizola Não Quer Índios" (Raimundo Santa Helena), "Filhinhos de Mamã" (Santa Helena), "A Mulher que Rasgou o Travesseiro e Mordeu o Marido Sonhando com Roberto Carlos", (Apollônio Alves dos Santos), além de outros com temas atuais, como "Vida, Paixão e Morte de Vinícius de Moraes" (Almir Gusmão).

A montagem da Feira de Cordel é uma iniciativa conjunta da Divisão de Folclore da Secretaria Estadual de Educação e Cultura e da Fundação Rio, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Além de Rubens Fonseca, estiveram presentes Cássia Frade (da Divisão de Folclore do Departamento de Folclore do Estado) e Elice Monerato (da Assessoria Técnica da Fundação Rio).

Estudantes apresentam trabalhos

O ponto alto do Projeto Folclore, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação e com o apoio de O FLUMINENSE, será atingido hoje, quando estudantes de onze escolas municipais estarão apresentando trabalhos de pesquisas e exposição de artesanato mostrando o folclore brasileiro. A atividade será desenvolvida na quadra da Escola de Samba Unidos do Viradouro, na Avenida do Contorno, o que resultará na integração do Projeto Samba ao Projeto Folclore, duas iniciativas da Prefeitura Municipal de Niterói, em prol da comunidade.

As lendas, músicas, danças, costumes, adivinhações, provérbios, crenças, jogos, poesias e demais práticas populares formam o folclore de um povo. Todas essas manifestações artísticas e culturais brasileiras serão mostradas

hoje, a partir das 15 horas, por intermédio de diversos blocos e escolas de samba de Niterói, além de estudantes das seguintes escolas municipais: Altiivo César, Adelino Magalhães, Tiradentes, João Brasil, Maestro Heitor Villa Lobos, Morro da Penha, Rachide da Glória Salim Saker, 31 de Março, Duque de Caxias, José de Anchieta e Jardim de Infância Municipal Rosalina de Araújo Costa.

O Projeto Folclore, que começou a ser desenvolvido no último dia 4, quando os estudantes das 19 escolas do município iniciaram suas pesquisas, terá prosseguimento no próximo dia 30 em sede de outra escola de samba. Está na dependência de confirmação se a próxima apresentação será na Escola de Samba Acadêmicos do Sossego, em Pendotiba ou na Souza Soares, em Santa Rosa.

Armindo Blanco

No palco, um poeta maior e todas as emoções da vida



Rubens Corrêa e Esther Góes: o real e o imaginário

A Funarte abriu as portas da sua Sala Sidney Miller (Rua Araújo Porto Alegre, 80) para uma teatralização do «Poema Sujo», de Ferreira Gullar, com música de Milton Nascimento e Wagner Tiso, direção de Hugo Xavier, figurinos de Sílvia Cadaval Sales e Alaíde Costa.

O crítico, neste caso, prefere abster-se acreditando na maior eficácia da simples informação. Pois a sua opinião, se expressa, seria tão laudatória e emocionada, que poderia, até, parecer desmedida. E/ou suscitar no leitor alguma espécie de suspeição. Afinal, os críticos são acusados, constantemente, de terem opiniões contrárias às do público. O que, a rigor, não é exato: os críticos gostaram de «Gota d'Água» e «Rasga Coração» — e o público também (trata-se de dois dos maiores êxitos do nosso teatro, em qualquer época). Mas há sempre quem — e às vezes por pura má fé — continue repetindo que os críticos só se batem pelo que o público rejeita. E a repetição de uma mentira, como provou o Dr. Goebbels, acaba institucionalizando esta, dando-lhe foros de verdade. Limitemo-nos, portanto, à informação, embora reconhecendo ser praticamente impossível expurgá-la de teor opinativo.

Primeiro: o grande público talvez ainda não tenha descoberto a Sala Sidney Miller, que normalmente atrai o segmento jovem, interessado em música popular. Pois bem: trata-se de um teatrinho extremamente confortável, tecnicamente bem dotado e com um palco de excelentes profundidades, boca e urdimento. Além disso, nos amplos corredores que lhe dão acesso, há sempre exposições de arte (no momento, o expositor é mestre Pernambuco de Oliveira, que comemora 35 anos de vida dedicados à cenografia teatral e mostra trabalhos que ficaram indissolúvelmente ligados à história do moderno teatro brasileiro).

Segundo: há um maciço preconceito contra a poesia, enquanto recital. Mas «Poema Sujo» não é um show de declamação. A encenação fez aflorar um certo fio de enredo (vemos o poeta no exílio em Buenos Aires, assistimos à recriação cronológica das suas recordações, acompanhamos o desfile de tipos populares que ele conheceu na infância e adolescência em São Luís do Maranhão). Na realidade, o diretor nos propõe uma fascinante viagem ao cérebro de um homem excluído da pátria. De um homem que, segundo Vinicius de Moraes, é o último grande poeta brasileiro e, portanto, de sensibilidade incomum: tudo o que nós não vemos nem sentimos na vida cotidiano, ele capta e nos transmite à luz, «impura» e «suja», viva e contraditória, da sua dor, da sua condição humana, da sua nostalgia (no entanto, sempre lúcida) pela terra distante. E, também, com a sua incorruptível consciência social.

Terceiro: Rubens Corrêa personifica o «eu» do poema, que se estende em dois planos, o real e o imaginário. A cada seqüência ou andamento (o menino ciscaando, solitário, nos terrenos baldios; a visão deslumbrante do pássaro multicolorido; a primavera do sexo; as cambiantes do tempo; a empatia física da cidade com as suas ruas de comércio, as suas palafitas, as suas grandezas e misérias), apetece-nos interromper e pedir bis, como na ópera. A seu lado, Esther Góes é uma presença insustentável e, ao mesmo tempo, palpável, o imaginário se fazendo carne, ganhando ora as formas quentes da luxúria, ora as que evocam, frias e pungentes, o amor dos proletários no lodçal.

Inesquecível. Mas prometi não opinar. Informar, apenas. Anunciar aos ventos que na Sala Funarte/Sidney Miller está ecoando a voz de um poeta maior. E que quem perder esta viagem ficará mais pobre, semelhante a um ramo esquelético na secura do deserto.

Vinicius

discos

Do forró à discoteca

● **Dominguinhos** — A partir da primeira faixa do lado I de *Quem Me Lutará Sou Eu* (RCA) fica estabelecido o clima de total empatia com o trabalho de Dominguinhos. Trata-se de *Abri a Porta* (de Gilberto Gil/Dominguinhos) interpretado pela dupla de autores, com um charme *forreano*, que renova a criação da Cor do Som. No lado B, a 1.ª faixa — *Quando Chega o Verão*, com participação especial de Luiz Gonzaga, de quem Dominguinhos é uma espécie de discípulo, o jogo está irremediavelmente ganho. Ainda em destaque, *Forró em Rolândia e Homenagem a Mestre Chicão*.

● **Love Unlimited** — De ilimitada mesmo só a persistência das moças, auxiliadas em *Love is Back* (Epic/CBS) por Barry White na produção executiva e arranjos. Como a batida é a mesma de sempre, o interesse fica restrito ao de sempre. Ou nunca.

● **Vários Artistas** — Sob o signo do simpático casalzinho, a Som Livre lança esta coletânea de sucessos fáceis e de consumo imediato como o gasto *Dio Come Ti Amo* (Domenico Modugno) ou *Three Times a Lady* (pelos Commodores). Exceção à mediocridade: *Eu Sei que Vou te Amar* em belo momento de Maria Creuza, Vinícius e Toquinho.

● **Linda Lewis** — A abertura do LP *Hacienda Views* (selo Ariola) é promissora: *That's Love*, curiosa versão disco de *Habanera*. Mas Linda Lewis se perde numa mixórdia de ritmos e intenções. Indefinida, submerge na *Jamaica Highway*.

● **Paulinho Tapajós** — Reunindo gente como Ivan Lins, Sivuca, Raul de Barros, Vanica Carvalho ou Abel Ferreira, Tapajós vem com *Amigos e Parceiros* (selo Crazy/MPB), um lançamento que vale mais pelo encontro.

● **Secos e Molhados** — Eles tentam se recompor e conseguem, de alguma forma, lembrar sua melhor formação no já sucesso *Quantas Canções É Preciso Cantar*. O LP (em selo Philips/Polygram) é desigual mas de algum interesse. □ *Wilson Cunha*



Gil, Dominguinhos e Lua no bom forró.

23 / 08 / 80 p. 2479

TRADITIONAL JAZZ BAND

15 anos de sucesso

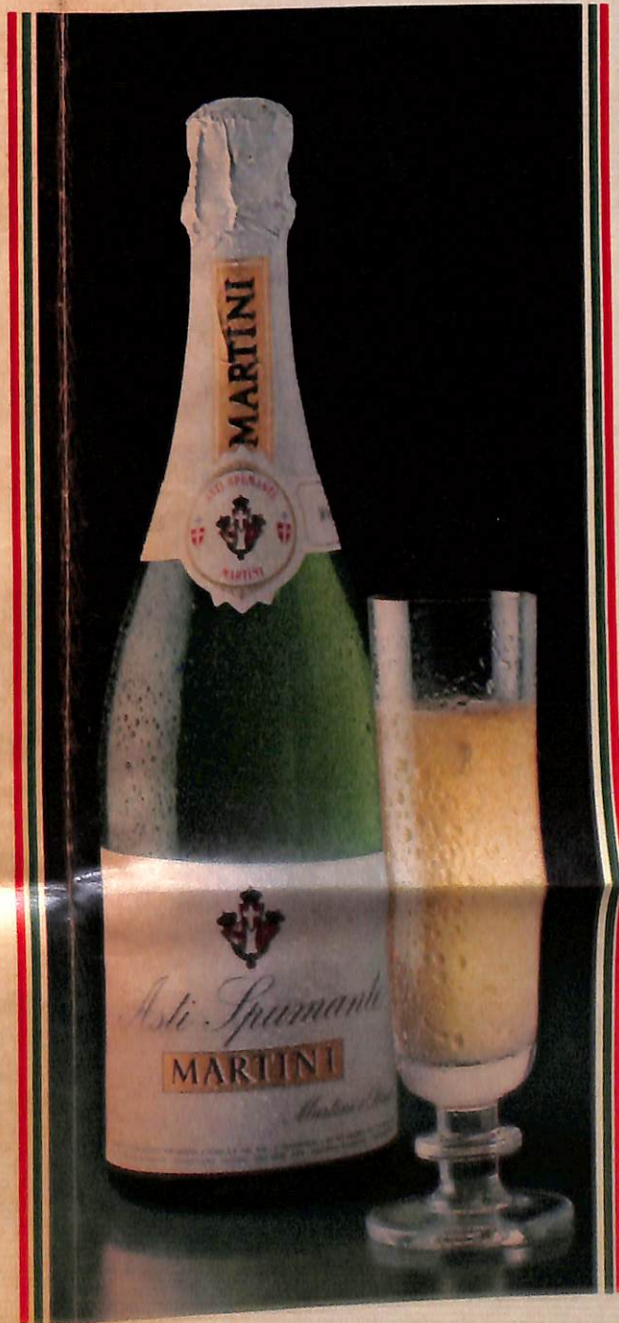


AO completar 15 anos, a Traditional Jazz Band, de São Paulo, tem na sua bagagem uma grande honra: uma elogiada participação no Jazz & Heritage Festival, justamente no berço do jazz, em Nova Orleães, Estados Unidos. No dia seguinte à sua apresentação, toda a grande imprensa norte-americana não poupou elogios ao grupo brasileiro.

Para o *New York Times*, a Traditional Jazz Band é descendente direta da grande linhagem dos grupos *dixieland* e, mais que isso, tem um estilo particularíssimo, destacando-se o "virtuoso Tito Martino". O *show* da orquestra brasileira foi considerado irretocável. Woody Allen, jazzista inveterado, também elogiou muito os brasileiros.

O engenheiro Tito Martino fundou a Traditional Jazz Band na Universidade Mackenzie, com colegas que se reuniam em *jam sessions* amadoras. Mas logo ele partiu com seu grupo para o profissionalismo. De lá para cá, cinco LPs já foram gravados, sempre dentro dos mais rígidos princípios do jazz tradicional.

Apesar das muitas formações — porque da *Traditional* já saíram muitos músicos para formar seus próprios conjuntos — a banda se mantém uniforme. E Tito acha que se cada saída de músico é uma perda, é também uma conquista, porque um novo integrante se incorpora, com novas idéias. A Traditional Jazz Band se reúne uma vez por semana, no Café Teatro Mississippi, em São Paulo, um dos maiores templos do *dixieland* brasileiro. (Walterson Sardenberg Sobrinho)



Asti Martini. Nascido na região de Asti, Itália, famosa no mundo inteiro pela qualidade de suas uvas. Seu sabor suave criou fama, atravessou fronteiras, chegou ao Brasil. E como tanta coisa boa que veio da Itália, nos resta dizer: grazie tanto.

MCCANN-BOSCH

De uma terra que foi o berço da história, só podia nascer uma bebida assim.

CELEBRE TUDO COM ASTI MARTINI. *Sapere d'Italia*

23 / 08 / 80 p. 2479

Em seu livro de memórias o célebre cantor francês recorda os anos que viveu aqui como os mais felizes de sua vida

JEAN SABLON tem o Brasil no coração

Texto de R. Magalhães Júnior

Jean Sablon está vivo, passa muito bem e vive nos arredores de Cannes, numa belíssima mansão. Está tão bem disposto que ninguém lhe dá os 74 anos, completados a 25 de março passado. O grande cantor francês, que tanto brilhou nos cassinos do Brasil, em 1939, fora a atração da revista *Streets of Paris (Ruas de Paris)*, na Broadway, ao lado de Carmen Miranda, publicou, há pouco, um livro de memórias. Esse livro, *De France ou Bien d'Ailleurs*, saiu na *Collection Vécu*, do editor Robert Laffont. Sablon recorda grande parte de sua vida no Brasil, onde chegou pela primeira vez em 1922, com 22 anos, como participante da companhia teatral de que Alice Cocéa era primeira figura. Fez então dois amigos brasileiros: Felipe de Oliveira e Sérgio da Rocha Miranda. Voltou onze anos mais tarde, sendo lembrado até hoje por suas canções,

entre as quais *Le Fiacre*, que se viu obrigado a bisar noite após noite em nossos cassinos. Sablon confidenciou há pouco a amigos brasileiros, em Cannes, que gostaria de voltar agora ao nosso país, numa *tournee* de saudade, se encontrasse um empresário capaz de dar à sua vinda realce semelhante ao que teve a recente presença de Frank Sinatra.

Já famoso na França, como *chansonnier*, campeão de venda de discos, que começara a gravar em 1930, não só em francês, mas ainda em espanhol e em inglês, Jean Sablon atravessou de novo o Atlântico para conquistar os Estados Unidos, onde já eram conhecidos os retumbantes sucessos por ele obtidos com dezenas de canções como *Alone*, *Vous qui Passez Sans me Voir* e *Sur le Pont d'Avignon*. Esteve por algum tempo em Hollywood, onde atuou como cantor em vários fil-

mes, e foi aconselhado a aperfeiçoar o seu inglês, o que fez tomando como professora a atriz Josephine Dillon, que foi a primeira esposa e professora de elocução de Clark Gable. Nessa ocasião, Antônio de Amorim Diniz, o bailarino e compositor brasileiro que vivera muitos anos em Paris e usava o pseudônimo de Duque, escrevia-lhe cartas e mais cartas, convidando-o para vir atuar no Cassino Atlântico, de que era então o diretor artístico.

Jean Sablon, entretanto, já assinara contrato com o empresário norte-americano Lee Schubert para se apresentar na revista *Streets of Paris*, cuja parte cômica ia ser defendida pelos comediantes Bobby Clark, Lou Costello e Bud Abbott. Os dois últimos formavam uma dupla e iam estrear na Broadway, com Jean Sablon. Mas, à última hora, Schubert decidiu apresentar também outra

estrelante, Carmen Miranda, que acabara de recrutar no Cassino da Urca, durante sua recente viagem pela América do Sul. Sem ressentimentos, Jean Sablon narra que o empresário acabou por cortar do espetáculo grande parte de suas canções, para dar maior destaque a Carmen Miranda, apresentada como uma atração excepcional. Acabou cantando apenas duas delas, uma das quais *Le Fiacre*, e decidiu abandonar o espetáculo, enviando ao Rio um telegrama que anunciava sua chegada em agosto. Sobre Carmen, ele escreveu: "Carmen e eu saímos

muitas vezes juntos, depois do espetáculo, e quando ela me disse estar persuadida de que o Rio iria me receber com festas, eu lhe disse que ela certamente faria o maior sucesso em Paris e que eu tinha a intenção de falar a Henri Varna (o grande empresário do teatro de revistas), que certamente faria dela a estrela do Cassino. Ninguém até hoje conseguiu substituir Carmen e eu creio que ninguém jamais é substituído em nossa profissão! Ela era para o Brasil o que Carlos Gardel era para a Argentina."

SEGUE

O sucesso de Sinatra fez Jean Sablon querer voltar ao Brasil. Ele já conhece o calçadão, mas muito antes se apresentara nos cassinos do Rio e fez shows com Carmen Miranda.



Fiat 140.



O semipesado que o mercado exige.

Quem transporta cargas para todos os lugares, em todos os tipos de estrada e nas mais variadas condições de clima, pode contar com o Fiat 140.

O semipesado de projeto atual

Ele não escolhe caminho, nem carga, nem ocasião. Com motor Fiat de 6 cilindros, com 168 CV (SAE) a 2.400 rpm e torque de 54 kgm, a apenas 1.400 rpm, transporta tranqüilamente 14 toneladas. Quando equipado com 3º eixo, desloca o peso bruto total de 21.500 kg. E na versão cavalo mecânico, traciona facilmente 24 toneladas.

○ Fiat 140 desenvolve excelente velocidade média em distâncias longas ou intermediárias, seja qual for a tonelagem transportada e a topografia da estrada.

Três sistemas de freios independentes garantem uma condução segura: freio de serviço, totalmente pneumático, com dois circuitos; freio de estacionamento, com cilindro de mola acumuladora (tipo Spring-Brake) e comando pneumático; freio motor, também com comando pneumático.

Maior espaço encarroçável

○ Fiat 140 é o único caminhão semipesado com cabine totalmente avançada, que proporciona ao motorista melhor visibilidade e condução mais confortável. A cabine avançada tem mais uma importante vantagem: permite a instalação de carrocerias com maior capacidade volumétrica.

Estas são algumas das características do Fiat 140. Vá conhecê-lo no seu Concessionário Fiat Diesel. Você saberá porque o 140 é um semipesado de excelente rentabilidade. É um bom negócio.



76 anos de experiência na fabricação de caminhões

FIAT Diesel

Sablon guarda saudades e lembranças do Brasil: tem um pé de limoeiro e quer um de jabuticaba

Jean Sablon disse ter voltado ao Brasil terrivelmente angustiado, com a impressão de que a guerra não tardaria a irromper na Europa. Duque fora recebê-lo a bordo e lhe dissera que não tivesse receio. Não iria haver guerra. E mais: "Mistinguette acaba de terminar sua temporada na Urca e embarcou ontem. Lys Gauty vem substituí-la. Já não há mesas nem lugares para sua estréia depois de amanhã." Jean Sablon recorda as festas que Roberto Marinho, diretor de *O Globo*, e Paulo Bittencourt, diretor de *Correio da Manhã*, deram em sua honra. E também a simpatia com que foi recebido por artistas como "Chico Alves, o cantor mais popular do Brasil", e as irmãs Dirceinha e Linda Batista. Mas, ao contrário das previsões de Duque, a guerra irrompera a 3 de setembro. Pouco depois, o embaixador da França, Jules Henri, lhe pediu que organizasse uma festa de gala em benefício da Cruz Vermelha. Entre as personalidades que então conheceu, Jean Sablon cita Alzirinha Vargas e seu marido, Amarel Peixoto, através de quem obteve a cessão do Teatro Municipal; a Sra. Ademar de Barros, o empresário Joaquim Rolla, que o atraiu para o Cassino da Urca depois de uma temporada em Buenos Aires, e que o fez assinar um contrato em aberto, para cantar naquele cassino sempre que desejasse; Roberto Seabra, "ainda hoje um dos meus melhores amigos" etc. Mas lembra também pessoas humildes, como os empregados de sua propriedade rural, a Fazendinha, que comprou no interior de São Paulo, onde morou, instalou sua mãe e sua irmã.

Retornou aos EUA, mas veio novamente ao Rio para cantar de novo nos Cassinos da Urca e carai, bem como em Belo Horizonte. Conta também algumas anedotas curiosas, como as dificuldades de sua mãe para se exprimir em português. Gostando de comer frango na grelha, ou churrasco de galeto, a boa senhora, não conhecendo a expressão adequada, pediu a um garçom que lhe trouxesse "um filhinho de galinha", o que o memorialista traduz por "le petit garçon de la poule..." Recorda que, ao voltar à Urca, cantou em benefício da ins-

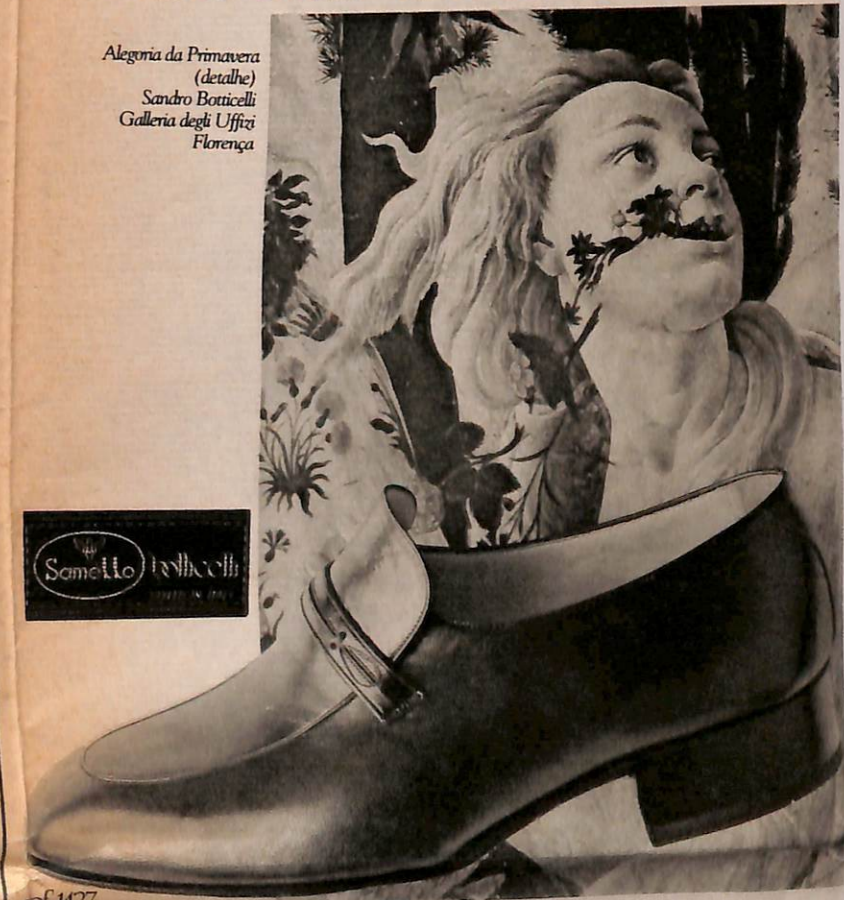
tituição de caridade presidida por D. Darcy Vargas e que aí encontrara em pleno sucesso a orquestra de Ray Ventura, de que faziam parte os hoje famosos Paul Misraki, Henri Salvador, Coco Aslan e outros.

Jean Sablon não contou, entretanto, a sua última passagem pelo Brasil, em 1973, quando aceitou o convite para ser um dos jurados do concurso do Festival Internacional da Canção. Nem disse que fizera uma tradução da *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso, que ele próprio interpretava e que começava por estas palavras: "Brésil, Brésil./Lorsque l'on t'a connu./ Comme je t'ai connu./ T'oublier est impossible!/ Corcovado de là haut./ Je n'ai rien vu d'aussi beau!/ Et ton Christe sans repos/Semble protéger Rio." Também não disse que deu uma mãozinha a Marcel Camus, diretor e produtor de *Orfeu do Carnaval*, traduzindo para o francês as letras escritas por Vinícius de Moraes para as músicas que Tom Jobim e Luís Bonfá compuseram para o filme que iria levantar a palma de ouro no Festival de Cannes. Mesmo com essas omissões, o seu livro está cheio de simpatia e de admiração pelo Brasil.

A repercussão da vinda de Frank Sinatra ao Rio fez Jean Sablon pensar em voltar à cidade em que viveu dias de grande sucesso. Ele diz que, nos Estados Unidos, testemunhou o início da carreira de Frank Sinatra, a quem o seu nome foi ligado por um crítico americano. Este disse, do novo cantor: "É o que, depois de Jean Sablon, mais sabe usar o microfone." Jean Sablon diz ter escandalizado o público, por ter sido o primeiro cantor a tomar o microfone nas mãos, movimentando-se com ele no palco, em vez de ficar empertigado diante de um microfone fixo. Muitos anos depois, ele foi o convidado especial de Frank Sinatra, num show realizado em Nova Orleães, onde Frank cantou *Night and Day* e ele *Vous Qui Passez Sans me Voir*. No jardim de sua casa, perto de Cannes, ele tem um pé de jacarandá e um limoeiro, levados do Brasil. Mas diz: "Sinto uma grande falta de um pé de jabuticaba, como os que havia na Fazendinha."

Samello, social com arte

Alegria da Primavera (detalhe)
Sandro Boticelli
Galleria degli Uffizi
Florença



ref. 1427



Para exportar, utilize o "know-how" Sudameris.

Todas as facilidades, da documentação ao financiamento, você encontrará no Banco Sudameris Brasil. Através dos Bancos associados ao nosso acionista na Europa, "Banque Sudameris", estamos presentes praticamente no mundo todo, o que, certamente, proporcionará uma velocidade muito grande aos seus planos. Fale hoje mesmo com o gerente de uma agência Sudameris.

BANCO SUDAMERIS BRASIL

68 agências no Brasil

Feira do Cordel já está montada na Praça 15, com folhetins e xilogravuras

A Prefeitura inaugurou ontem a Feira do Cordel na Praça 15, dentro dos festejos do Dia Nacional do Folclore, onde cantadores e repentistas podem exibir sua arte. A feira funcionará nas sextas-feiras e sábados, de 8h às 18h, junto à Feira Colonial, inicialmente com cinco barracas, que venderão folhetins de cordel (Cr\$ 10 a Cr\$ 25) e xilogravuras (Cr\$ 200 a Cr\$ 250).

Os poetas e repentistas não tinham autorização para se apresentar na praça, mas, através da Fundação Rio, conseguiram a permissão. Em agradecimento, darão ao Prefeito Júlio Coutinho o Coração do Poeta, feito em couro, com um poema de Raimundo Santa Helena que diz: "O poeta de cordel/Hoje sabe onde mora/Era um camelô ao léu/Hoje canta, não mais chora/Pois surgiu nosso padrinho/Prefeito Júlio Coutinho/Nos entrega a Praça agora".

AS ATRAÇÕES

Nas cinco barracas há folhetins, como o do embaixador da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel no Rio, Expedito Silva, intitulado *Os Clamores da Carestia*: "Nos bons tempos se comprava/Dois ovos por um vintém/Agora melo de carne/Já está passando de cem/Desse jeito o operário/Nem come nem passa bem". Ele é autor de um poema sobre a visita de João Paulo II ao Brasil, que foi encaminhado ao Papa pela Diocese do Rio. Ambos custam Cr\$ 10.

Há outros poemas como *O Justiciero Mão Branca do Esquadrão da Morte*; *Ninguém Agüenta Mais a Inflação e a Carestia*; *Os Loucos do Volante*; *O Drama dos Favelados*; *A Mulher que Rasgou o Travesseiro e Morden o Marido Sonhando com o Roberto Carlos e Biografia e Morte de Juscelino Kubitschek*. O poeta e compositor *Vinicius de Moraes*, recentemente falecido, é homenageado no folhetim de Almir Oliveira Gusmão que diz: "Tudo que ficou para trás/É melhor nem recordar/Mas Vinicius foi prá nós/Um poeta exemplar/exerceu diplomacia/Mas viveu da poesia/Foi artista popular".

Zepraxédi, o poeta-vaqueiro, porque gosta de se apresentar com chapéu, guarda-peito e as luvas de couro usadas pelos vaqueiros, é outra atração e, em

sua barraca, vende poemas de cordel e o livro de poesias sertanejas de sua autoria intitulado *Meu Seridó* a Cr\$ 100. Na feira há ainda xilogravuras a Cr\$ 20 e Cr\$ 250, além de apresentações de cantadores repentistas com suas violas e pandeiros.

A Feira do Cordel foi inaugurada pelo presidente da Fundação Rio, José Rubens Fonseca, que representou o Prefeito Júlio Coutinho. Cada um dos 17 poetas de cordel, 26 cantadores repentistas e quatro xilogravadores que participarão da feira recebeu uma credencial da Divisão de Folclore da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio, autorizando-os a se apresentarem na Praça 15. Antes só podiam apresentar-se na Feira de São Cristóvão, aos domingos.

O presidente da Cooperativa de Cordel do Estado do Rio de Janeiro e autor do poema gravado num coração de couro a ser entregue ao Prefeito Júlio Coutinho, Raimundo Santa Helena, afirmou que "pela primeira vez os repentistas vão deixar de ser perseguidos pelo rapa, já que, antes, eram considerados camelôs. O único que tinha autorização era Apolônio Alves".

A Feira do Cordel será realizada nas sextas-feiras e nos sábados, junto com a Feira Colonial, na Praça 15, próximo ao prédio dos Correios e Telégrafos.

Discos / Lançamentos



Ellington: presenças exuberantes.



Maria Creuza: consagrados e novos.



Beethoven: uma bela concepção.



Armstrong e Oliver: álbum soberbo.



Obrigado: dose dupla já esperada.



1 Musici: o melhor no barroco.

Ótimo Jazz
em álbuns
duplos

Vinícius já à
venda como
nostalgia

Beethoven
numa versão
minuciosa

"John Coltrane" (álbum duplo Prestige/Top Tape) — Os discos foram gravados em 1957 e 1958, e apareceram originalmente como "Traneing in" e "Soultrane", numa fase em que o saxofonista adejava à órbita do pistonista Miles Davis, com quem passou a tocar desde 1954, num estilo hard bop, bem próximo de Sonny Rollins. Do trio que o acompanhava, dois pertenciam ao conjunto de Miles: o pianista Red Garland e o contrabaixista Paul Chambers.

Completa o quarteto o baterista Arthur Taylor. O álbum, de altíssimo nível, percorre um repertório que se tornou célebre já no final dos anos 50 — "Traneing in", "Slow Dance", "Bass Blues". Estas gravações são indispensáveis para quem deseja conhecer a primeira fase de Coltrane, construída com muito lirismo e transitando numa linguagem puramente hard bop nos tempos rápidos. O discreto Chambers e o prolífico Garland lhe dão o suporte exato para longos improvisos, em que já surge a obsessão das reiterações, somente no sax-tenor (Coltrane só alternaria com o soprano na década seguinte).

"Louis Armstrong and King Oliver" (álbum duplo Milestone/Top Tape) — Um lançamento soberbo, que registra o aparecimento, como um cometa, de Armstrong no cenário do até então indefinido jazz da década de 20, ao lado de sua mulher Lil Hardin, ao piano, Sidney Bechet no sax soprano (o primeiro na história do jazz a tocar este instrumento) e do líder King Oliver no cornet. Os nomes componentes do King Oliver's Creole Jazz Band são todos conhecidos: os irmãos Dodds, Bill Johnson e Johnny Sr. Cyr no banjo, e até duas faixas em duo de Oliver e Jelly Roll Morton ("King Porter Stomp" e "Tom Cat Blues"). Em algumas faixas, a participação de Alberta Hunter — que recentemente gravou LP distribuído no Brasil pela OBS — no vocal.

"The Golden Duke" (álbum duplo Prestige/Top Tape) — Pouco mais de um LP foi gravado em 1946, para uma obscura gravadora, Musicraft, que em seguida quebrou. Na época, a banda estava maravilhosa, com as presenças exuberantes de, entre outros, Cootie Williams (pistão), Ray Nance (pistão e violino), Lawrence Brown (trombone), o saxofonista Johnny Hodges, Harry Carney (barítono), o inefável Oscar Pettiford no contrabaixo e Sonny Greer, um dos primeiros companheiros no início da carreira de Duke nos anos 20, na bateria. Praticamente as treze faixas são clássicos, mas vale a pena destacar "Diminuendo in Blue", o magnífico arranjo de Mary Lou Williams para "Trumpet no End" e "Tulip or Tunip", esta cantada de maneira fascinante por Nance. Das doze músicas restantes, gravadas em 1950 para a Mercer, gravadora de Duke, cerca de oito possuem a estatura de raro documento, pois mostram o líder junto de seu alter-ego Billy Strayhorn em dois pianos, acompanhados apenas pelo contrabaixo de Wendell Marshall. "Cottontail", "C-Jam Blues", "Tonk" (de Duke/Strayhorn), entre outros — um repertório magnífico, executado com genialidade. Em seguida, nova iguaria especialíssima se encarrega das últimas quatro faixas.

— João Marcos Coelho

"Vinícius, Testamento... (RGE) — Depois da morte de um compositor ou cantor famoso costumam aparecer na praça relançamentos de discos lembrando a sua obra. Este primeiro que surge com antigos trabalhos de Vinícius é um "picadinho" com faixas retiradas de outros LPs guardados no baú da RGE. A maioria delas é com Vinícius e Toquinho:

"Testamento", "O Velho e a Flor", "São Demais os Perigos Desta Vida" e "Marcha da Quarta-feira de Cinzas". Em outras, a dupla canta com Marília Medalha ("Como Dizia o Poeta", "Tarde em Itapoá"), Maria Creuza ("Canto de Ossanha" e "Maria Bethânia") e Maria Bethânia ("Apelo").

"Obrigado, João Paulo 2." (RCA) — Outro LP que já era esperado. Depois do tanto de gravações lançadas antes da vinda do Papa, não poderia faltar um, agora, com uma retrospectiva de sua visita. E vem em dose, digo, em álbum duplo, incluindo sua chegada à Brasília, o encontro com o presidente Figueiredo, as palavras aos jovens em Belo Horizonte, aos favelados do Rio e aos trabalhadores de São Paulo.

Enfim, trechos de todo o seu roteiro no Brasil.

"Téo Azevedo, Morte de Vaqueiro" (Jaboti) — O cantor e compositor do norte de Minas traz, neste seu segundo LP, o canto do aboio.

Originalmente, o aboio é um canto sem palavras que servia para conduzir uma bolada. Posteriormente, este gênero ganhou letra. Téo canta os dois tipos neste disco. Dois aboios foram gravados por ele em Montes Claros para um especial sobre folclore brasileiro pela televisão alemã.

"Maria Creuza" (RCA) — Músicas de autores consagrados, como Roberto e Erasmo ("Na Luz do Seu Sorriso"), Caetano Veloso ("Luz de São Jorge"), Antônio Carlos e Jofafi ("O Poeta e o Cobertor"), mas também de gente nova, como Wania e Solange Boeckle ("Mais Que a Tua Ausência") e Faffy-Sarah Benchimol ("Ruínas").

"Dércio Marques", compacto (Copacabana) — Além de "O Pinhão na Amarração", de Elomar Figueira Mello, concorrente no MPB-80 da TV Globo, Dércio canta "Vim de Longe", de Paco Bandeira.

"Jane e Herondy" (RCA) — Para quem aguenta a dupla e as versões de canções estrangeiras que gravam numa época em que a nossa música anda tão criativa.

"Janaina, Arvoredo" (RCA) — Sambista com composições de Paulinho da Viola ("Arvoredo"), Candeia ("Felicidade E Ser Gente"), Ivone Lara-Délcio Carvalho ("Sereia Guimar"), Ruy Quaresma ("Não me Mate de Amor"), Nei Lopes ("Gato e Sapato") e Martinho da Vila-Paulo Cesar Pinheiro ("Ou Tudo ou Nada").

"Sargentelli e suas mulatas, Oba Oba" (Continental) — Gravado ao vivo no Oba-Oba, com muito samba e Carnaval em forma de popurrí, onde estão incluídas "Ronda", "Se Acaso Você Chegasse", "O Samba da Minha Terra", "A Fonte Secou", "Touradas de Madri" e "Mulata Assanhada" — Dirceu Soares.

Beethoven: "Sinfonia n.º 9" e aberturas "Coriolano" e "Egmont"; com a Orquestra Filarmonica Tchecoslovaca e Coro Tcheco; regente: Paul Kletzki (álbum duplo Supraphon/Copacabana) — A gravação tem quatro anos, e oferece muitos atrativos, sobretudo por mostrar uma concepção bastante minuciosa dessas obras monumentais. Os solistas Ingeborg Wangler, Annelies Burmeister, Martin Ritzman e Paul Kuhne se saem muito bem, coadjuvados corretamente pelo Coro Filarmonico Tcheco, regido por Josep Veselka. No comando geral, o competente Paul Kletzki.

Antonio Vivaldi: "As Quatro Estações", com Concerto Amsterdam; regência e solos de violino por Jaap Schroer (MPS/Copacabana) — Mais uma versão da mais popular das mais de 500 obras compostas pelo Padre Vermelho, destinada a vender bem mais do que as habituais 1.500 cópias do disco clássico normal — o ruim é que um disco desses, obtendo vendagens significativas, tenta a gravadora a permanecer no caminho fácil da repetição. Mas, justiça seja feita, a Copacabana tem abastecido com muita inteligência o mercado clássico e de jazz, a ponto de hoje, sem dúvida, colocar-se entre as primeiras no setor. Além de tudo isso, a gravação da MPS é excelente sob todos os pontos de vista.

Alessandro Scarlatti: Seis Concertos; com I Musici (Philips/Polygram) — Ontem I Musici estreou no Rio de Janeiro; onde se exhibe também hoje, terça e quarta-feira. Na quinta-feira desta semana, eles se apresentam no Teatro Cultural Artística, dentro da temporada da Sociedade Cultural Artística de São Paulo. Uma semana antes, a Polygram distribui este magnífico LP, em que o conhecido conjunto italiano — reconhecido como o melhor do mundo no repertório barroco italiano — interpreta com fôrra, paixão e muito sentimento seis concertos grossos compostos por Alessandro Scarlatti (1660-1725). Um show de técnica e sensibilidade, que pode ser posto à prova no concerto de quinta-feira próxima.

Henry Purcell: "Dido and Aeneas"; com Mary Thomaz, soprano; Honor Sheppard, soprano; Maurice Bevan, barítono; Helen Wats, contralto; Robert Tear, tenor; Ellen Dales, soprano; Oriana Concert Chori and Orchestra; Harold Lester, harpsicórdio; Alfred Deller, regente (Vanguard/Copacabana) — A obra-prima do maior compositor inglês que viveu no século 17 exige apenas uma pequena orquestra de cordas e um coro ainda menor para sua execução. A direção genial de Alfred Deller — mundialmente conhecido por seu "Deller Consort" exclusivamente voltado para a música renascentista e que morreu há pouco mais de um ano — garante uma interpretação de altíssimo nível para esta ópera delicada, refinada, composta em 1689 para um colégio em Chelsea, Inglaterra.

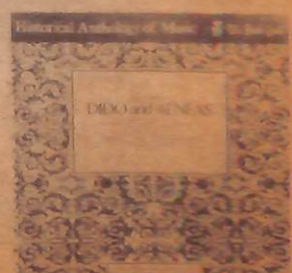
Beethoven: Três Duos para Violino e Violoncelo; Ruggero Ricci (violino) e Mihaly Virizlay, (cello) (Bulldog Records/Copacabana) — A gravação é de 1972, e aborda três peças de câmara compostas por Beethoven ainda em sua cidade natal, próximo dos 20 anos de idade. A execução é de ótima qualidade, e o disco possui o mérito de divulgar a música de câmara — João Marcos Coelho.



Coltrane: gravações indispensáveis.



Testamento: picadinho saído do baú.



Henry Purcell: direção genial.

24 / 8 / 80

DE OLHO NA CÂMERA

J. SANTANA

Falta de atenção

●●● E QUEM ENCARA o cinema verdadeiramente como indústria e não apenas como exercício de arte ou de talento, sempre acaba vendo o retorno do seu investimento. Os americanos, mestres no assunto, não se cansam de nos dar exemplos disso.

●●● VEJAMOS OS DADOS: "Guerra nas Estrelas" custou 11 milhões de dólares, um investimento sem dúvida altíssimo, mas em compensação já rendeu até hoje, após três anos de exibição no mundo inteiro, a bagatela de 420 milhões de dólares. E continua sendo exibido.

●●● SÓ NAS PRIMEIRAS dez semanas de exibição ele faturou nada menos do que 83 milhões de dólares. Quer dizer, se pagou apenas com as dez primeiras semanas de exi-

bição. E os produtores não ficaram contentes com isso, não. Partiram para o segundo.

●●● E REALIZARAM "O Império Contra-Ataca" com um orçamento de 22 milhões de dólares, exatamente o dobro do primeiro. De novo eles sabiam o que estavam fazendo. Nas primeiras DUAS semanas de exibição, ele rendeu apenas 120 milhões de dólares.

●●● E A ESTIMATIVA mais pessimista prevê para o segundo uma carreira comercial que, até o ano de 1983 (que não está tão longe assim), chegue à casa do bilhão de dólares. Uma cifra pra ninguém botar nenhum defeito, né? Quando será que a gente vai aprender a lição?

●●● CHICO BUARQUE DE HOLANDA chegando mais no pedaço cinematográfico. Ele que já participou de uma produção chamada "Pra Quando o Carnaval Chegar" ao lado de Gal Costa e Maril Bethânia, com argumento seu mesmo. Vem aí mais três produções.

●●● A PRIMEIRA DELAS é uma história autobiográfica intitulada "Certas Palavras com Chico", realizado pelo diretor Maurício Beru, e onde ele atua ao lado de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Vinícius de Moraes, Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha, e o papai Sérgio Buarque de Holanda.

●●● OS OUTROS DOIS são, "Chico Buarque, - 1968, do diretor Flávio Moreira da Costa, só agora liberado pela Censura, e um documentário feito por ocasião de sua última viagem a Cuba. E ver e conferir.

Baden Powell: o homem, o violão e sua terra natal

ESTAMOS na década dos recordes e o Brasil pode se orgulhar de ter batido o recorde dos recordes: uma cidade inteira, com seus nove mil habitantes, forma o maior fã clube do mundo, em homenagem a um violonista.

O músico é BADEN POWELL. A cidade é VARRE-SAI.

Ele completou 43 anos no dia 6. A cidade tem, hoje, 100 anos, 8 meses e 28 dias.

ELE E ELA

Varre-Sai está localizada no Norte Fluminense, a uma distância de 480 km. Sua origem está no gesto de agradecimento de Felicitissimo Faria Salgado que tendo alcançado uma graça por intermédio de São Sebastião, doou ao Santo uma grande área de suas terras. Atrás da máquina de café da fazenda, existia um rancho para hospedagem dos tropeiros e, em um casebre ao lado, morava uma velhinha chamada Ignácia, que tomava conta do rancho. Na saída, quando iam pagar a hospedagem, os tropeiros ouviam da velha, que lhes entregava uma vassoura, sempre a mesma frase: "Não é nada não, moço. Vocês varrem e saem, para quando chegar outra tropa encontrar o rancho limpo." Daí a origem do nome Varre-Sai.

Aos poucos o local foi sendo povoado. A 19 de novembro de 1879, foi elevado à categoria de Distrito, pelo Decreto nº 2389, do Visconde de Prades, Presidente da Província do Estado do Rio de Janeiro.

Foi na igreja local que Lilo de Aquino (Tique) e Adelina Gonçalves (Nenê) se uniram pelos sagrados laços do matrimônio. Um ano depois, a 6/8/37, nascia o primeiro filho do casal, BADEN POWELL DE AQUINO, nome escolhido pelo pai, fã incondicional do escotismo. Muito tempo depois nascia Vera, hoje professora no Rio. Dos avós maternais e paternos, os dois irmãos só têm a avó paterna, Nicolina Lima de Aquino, hoje com 97 anos, que embora vivendo em Petrópolis, afirma categoricamente que vai comemorar seu centenário de nascimento em Varre-Sai, e ninguém duvida, porque ela está forte e lúcida.



A RIFA BENDITA

Quando Baden estava com seis meses de idade a família Aquino veio para o Rio, residindo por vários anos no bairro de São Cristóvão. Lilo via o filho crescer forte, mas tinha uma mágoa no coração. Não conseguira incutir no menino seu amor ao escotismo. Baden, entretanto, herdou da família o tradicional talento para a música.

Seu avô, Vicente Thomaz de Aquino, foi o primeiro maestro a criar uma banda de música em Varre-Sai, hoje famosa em toda região, e em cuja sede ocupa lugar de destaque o retrato do grande maestro. Seu pai tocava violino e um pouco de violão. O primeiro contato dos dedos de Baden com as cordas de um violão deu-se de maneira curiosa.

Sua tia Vivina tirou um violão

em uma rifa e resolveu usá-lo como decoração, pendurando-o na parede da sala. Sempre muito tímido, Baden começou a namorá-lo. Armava o pedido a tia, para usá-lo, mas este morria em sua garganta, por acanhamento. Um dia, não mais resistindo à tentação, enrolou-o em uma toalha, levou-o para casa, escondendo-o debaixo da cama. Só uma coisa animava o menino de sete anos, a ousadia do gesto: "Se eu pego o bicho, eu toco". E tocou mesmo. Tanto tocou que sua mãe ouviu e veio verificar o que estava acontecendo. Foi um espanto! O pai foi chamado que por sua vez mandou chamar a irmã, para que o garoto lhe pedisse desculpas pela apropriação do instrumento. Bondosa, Vivina sorriu e deu-lhe o violão de presente. Baden diz que os dois dias mais felizes de sua vida foram,

quando recebeu o instrumento da tia e o do nascimento de seu filho.

PRIMEIRA CARTA

Dona Nenê, mãe de Baden (já falecida), tem toda a sua família ainda morando em Varre-Sai. No mesmo dia em que o filho ganhou seu primeiro violão, ela escreveu para as irmãs, contando o fato. Essa foi a primeira carta, de milhares que ela escreveria relatando os sucessos do filho, cartas que foram bem guardadas, o que nos possibilitou a reconstituição do fato aqui citado e muitos outros. Na volta do correio as irmãs contavam as novidades da pequena cidade, desde o abandono da localidade pelos jovens, quando da erradicação do café, até sua restauração, sua volta ao apogeu, que lhe dá a glória de ser o maior produtor de café do Estado do Rio, e a terra natal de um dos melhores violonistas da música popular mundial, Baden Powell.

Seu Lilo, logo nas primeiras aulas que deu ao filho, viu que ele precisaria de um bom professor e entregou-o ao mestre Meira, a quem hoje, reconhecido, Baden diz que deve tudo que sabe. Aos 9 anos o pequeno tocou no programa "Papel Carbono" e ganhou o 1º lugar, época em que excursionou com Renato Murce e Eliana, aos 14 anos já dava concertos.

Foi na boate de Waldir Calmon, no Leme, que conheceu Vinicius de Moraes, Ari Barroso e Tom Jobim. Seu primeiro trabalho profissional foi "Samba Triste", com Billy Blanco.

Sempre que pode Baden pega a estrada com destino a Varre-Sai, acompanhado por sua mulher, Silvia. No local ele faz visitas a todos os parentes, fica até altas horas da noite conversando com a gente de sua cidade, contando e ouvindo casos, numa prosa mansa, entremeada de muita música, sentado na porta da casa onde nasceu, que lá está, firme até hoje.

Cada volta sua para o Rio, segue o mesmo ritual. Baden pega a vassoura, varre a porta da rua e sai acenando até os braços ficarem cansados, porque os nove mil varresalenses fazem questão de despedir-se do filho ilustre.